

Introdução

A chegada da televisão por assinatura no Brasil, no início da década de 1990, suscitou uma demanda repentina por profissionais de legendagem, atividade até então restrita ao cinema — meio no qual até hoje atuam poucos profissionais, que dão conta da tradução de todos os filmes estrangeiros lançados por mês no Brasil — e ao mercado de vídeo, no qual predominava a atuação improvisada e não regularizada de tradutores diletantes, sem compromisso com padrões de qualidade ou respeito às leis de direito autoral. Diante da urgência de se buscar pessoal para exercer a atividade da legendagem, profissionais das mais diversas formações (por exemplo Direito, Comunicação e até Belas Artes) foram contratados no Rio de Janeiro. A convocação para o preenchimento das vagas era feita por meio de indicação e, uma vez aprovados no exame de tradução e português, esses profissionais recebiam um treinamento que se limitava a uma explicação rápida sobre como funcionava o *software* de legendagem usado à época.

O aumento do número de canais por assinatura disponíveis levou ao crescimento da demanda por programas televisivos estrangeiros para preencher a grade desses canais, e a legendagem foi ganhando destaque como opção relativamente barata de tradução de produtos audiovisuais. Além disso, o advento de novas tecnologias digitais, como o DVD (*Digital Versatile Disc*), fez aumentar o interesse pela legendagem. Um DVD comporta versões legendadas em até trinta e dois idiomas de um mesmo produto, o que significa que até trinta e dois tradutores podem participar da legendagem de um único filme. A popularização dessa tecnologia no início dos anos 2000 criou um novo e rico mercado para os profissionais de legendagem.

Nos últimos anos, a necessidade de treinar profissionais levou as produtoras de legendagem a investir em treinamento, seja oferecendo o curso nas próprias dependências, seja em parceria com algum professor ou instituição de ensino. Esses cursos são direcionados ao público em geral e têm como objetivo familiarizar os candidatos com os aspectos técnicos do ofício e com as regras e os

padrões adotados pelo mercado de legendagem, mas não abordam — nem poderiam, uma vez que são cursos de curta duração sem a pretensão de *formar* profissionais — capacidades que poderiam ser desenvolvidas em um curso de formação mais abrangente.

Este é justamente o objetivo principal do presente trabalho: propor as bases de um curso de formação de tradutores para legendas que não só aborde as ferramentas, normas e coerções básicas envolvidas nessa modalidade de tradução, mas também procure desenvolver outras competências e habilidades que um bom legendador deve possuir.¹ Parto da premissa de que, como o ofício de tradução para legendagem é altamente especializado, para produzir legendas de qualidade e se estabelecer no mercado sem onerar os contratantes de seus serviços com cursos e meses de trabalho monitorado, o profissional precisa desenvolver competências específicas à atividade, além daquelas necessárias a todo tradutor.

1.1

Estrutura da dissertação

No próximo capítulo, exponho a fundamentação teórica e a metodologia adotadas na presente dissertação. Após uma breve apresentação das modalidades de tradução audiovisual e da minha visão de tradução, a Seção 2.1 traz um resumo da Teoria dos Polissistemas e dos Estudos Descritivos da Tradução, abordagens que informam todos os capítulos da dissertação. A Seção 2.2 trata do ensino de tradução. Nela, traço um contraponto entre a visão normativa e a abordagem pós-estruturalista de ensino para me aliar às reflexões suscitadas pela última para a formação de tradutores. A seção final do Capítulo 2 traz a descrição da metodologia utilizada nas entrevistas com integrantes do polissistema de tradução audiovisual conduzidas para complementar este estudo.

O Capítulo 3 trata das peculiaridades características da tradução para legendagem. Após traçar um panorama do ensino da modalidade na Europa e no Brasil, apresento uma breve contextualização das modalidades de tradução audiovisual presentes na televisão brasileira e em seguida abordo os conceitos de

¹A denominação do profissional que traduz para cinema e vídeo ainda não foi estabelecida de forma consensual. Alguns empregam o termo “legendista”, outros, “legendador”, e no mercado de legendagem ele é chamado simplesmente de “tradutor”. Por motivos de clareza passo a adotar, a partir daqui, a denominação “legendador”.

tradução diagonal e diassemiótica e as coerções que suscitam. Por fim, apresento os principais mecanismos de controle e normas atualmente em vigor no mercado de legendagem brasileiro.

As principais competências e habilidades necessárias ao legendador são abordadas no Capítulo 4, e estão divididas em quatro categorias principais: lingüística, técnica, rítmica e cultural. A Seção 4.2 traz um breve panorama das diferenças entre o mercado paulista e carioca, bem como a análise dos dados das entrevistas realizadas com profissionais e estudantes de legendagem, nas quais foram identificadas as maiores carências apresentadas pelos candidatos a legendadores e as dificuldades enfrentadas pelos professores dos cursos de treinamento.

O Capítulo 5 é dedicado à proposta de programa delineada nesta dissertação, cujo objetivo principal é promover o desenvolvimento das competências e habilidades necessárias à *formação* de profissionais de tradução para legendagem, procurando oferecer uma alternativa ao caráter de *treinamento* associado aos cursos hoje disponíveis. No início do capítulo, um panorama do ensino de tradução audiovisual na Europa destaca o sucesso da inclusão de disciplinas dessas modalidades nos currículos de graduação e pós-graduação de universidades européias. Em seguida, são apresentadas as bases do curso de formação propriamente dito, abrangendo carga horária, duração das aulas, perfil dos aprendizes e pré-requisitos necessários, além de possibilidades de integração entre teoria e prática. Os conteúdos a serem abordados nas disciplinas de tradução para legendagem são tratados na Seção 5.6, na qual traço os objetivos, delincho as bases do programa e proponho algumas atividades práticas. O capítulo se encerra com a especificação das formas e dos critérios de avaliação dos aprendizes.

Finalmente, o Capítulo 6 apresenta as considerações finais do presente trabalho.